

## REPENSAR A JUSTIÇA, SEGUNDO CARLO MICHELSTAEDTER, FILÓSOFO CENTRO-EUROPEU (1887-1910)<sup>1</sup>

[ RIPENSARE LA GIUSTIZIA, SEGUENDO IL MITTELEUROPEO CARLO MICHELSTAEDTER (1887-1910) ]

Angela Michelis \*

**APRESENTAÇÃO:** Carlo Michelstaedter é um filósofo centro-europeu que teve uma carreira meteórica, uma produção brilhante, e, apesar da brevidade de sua vida, deixou uma obra significativa e intrigante para os padrões filosóficos da época (1887-1910). É um filósofo autêntico e de difícil classificação segundo o padrão de qualquer escola ou corrente filosófica comum na literatura filosófica atual. Nasceu em Gorizia, Itália. De origem judaica, interessou-se por estudos diversos da filosofia grega e da filosofia clássica alemã, mas não se prendeu a qualquer corrente ou autor. “Cantor da tragicidade do viver”, prende-se à tradição existencialista que pergunta pelas condições operantes do saber e do viver, e, apesar da morte demasiado precoce, viveu intensamente. Deixou uma obra que alcança os quatro continentes: “nenhuma de suas obras está traduzida para francês, alemão, inglês, mas sua fama está difundida enormemente na Europa, na América e nos Estados Unidos, e na África” (MICHELIS, A. Carlo Michlestaedter,

**PRESENTATION:** Carlo Michelstaedter is a Center European Philosopher who is best folded in a meteoric career and in a brilliant Work. Despite the brevity of his life, he left a significant and intriguing Work regarding the philosophical standards to the time (1887-1910). He is an authentic philosopher that carry hard standardization under both philosophical currents and schools even today. He was born in Gorizia, Italy. From Jewish culture, he has been interested for a variety of themes of Greek and Classical German Philosophy, but he doesn't get identification to any one of them. "Singer of tragicity of living", he got identification with the Existencialism which search for for proper conditions of knowing and living, and, despite his early death, he lived intensively. He left a Work that reaches all four Continents: "no one of your books is translated to French, German, English, but his fame reaches all Europe, USA, Africa, Central and South America" (MICHELIS, A. Carlo Michlestaedter, Presentazioni. Humanitas 5. Rivista bimestrale

\* Ph.D Turin University. She has written numerous articles and books on Carlo Michelstaedter, Hans Jonas with official translations to Italian, some articles on Augusto Del Noce, Italian philosophers. She is interested in history of philosophy, in contemporary theoretical and moral thought and its roots in classical philosophy. She was member in examination boards of theoretical and aesthetic philosophy at the Department of Philosophy of the University of Turin. She has the title of Professor of II level in Moral Philosophy for National Scientific Habilitation in Italy (2014). She is redactor of the national journal “Filosofia e Teologia” (Philosophy and Theology), she is part of the steering committee of the journal on the philosophy and psychoanalysis “L’ombra” (The Shadow).

\*\* Trad. por Bartolomeu Leite da Silva, doutorado em Filosofia pela PUCRS. Prof. do Dept. de Filosofia e do PPGF / UFPB, Brasil. A seguir, oferecemos o artigo no seu original.

Presentazioni. Humanitas 5. Rivista bimestrale di cultura, fondata nel 1946. Brescia, Itália: Morcelliana, 2011. Número especial dedicado ao autor).

No Brasil não temos conhecimento, até a data desta publicação, de qualquer tradução ou literatura referente a este autor, pelo que a Revista Aufklärung tem o prazer de oferecer esta pequena introdução e dar destaque para a obra filosófica em questão. A autora do artigo é estudiosa e pesquisadora do tema, tendo apresentado pesquisa sistemática já desde sua graduação em filosofia, e, por isso, ela figura nesta edição da revista como Autora Convidada. A Revista Aufklärung agradece à autora pela disponibilidade e exclusividade do artigo.

di cultura, fondata nel 1946. Brescia, Itália: Morcelliana, 2011. special Issue dedicated to the author).

Here in Brasil we don't know, up to this time, any literature or translation regarding to the author, and Aufklärung is pleased to offer this short presentation and highlight Carlo Michelstaedter's Work as contribution to the Brazilian philosophical scene and Portuguese language at all. The author of the Article is a researcher on the theme, with a large and organised research since the longtime in Philosophy, and therefore she was with honor our invited Author. Aufklärung is thankful to her for readiness and exclusiveness of this Article.

## 1. INTRODUÇÃO: UM PENSADOR DO LIMITE

**I**niciamos esta reflexão sobre a justiça e a não-violência diretamente com as palavras de Michelstaedter:

“Para cada um, *o mundo é seu mundo*: e o valor deste mundo é o correlativo do seu *valor*, o sabor correlativo da *sabedoria*. O meu mundo é apenas o meu correlato: o meu prazer. Assim diz o filósofo: ὀνομάζεται καθ’ ἡδονὴν ἐκάστου<sup>2</sup> (Heráclito) – Cada um *sabe* que *deseja* e que *vive*: quanto ao prazer, sempre preenche com visões de coisas distantes. Por isso, só *compreende* aquilo que lhe é *dado compreender*.

Assim, a *posse de uma coisa*, em geral, está *associada* àquilo que é dado compreender, uma espécie de *previsão limitada*. Mesmo que a pessoa não detenha a posse total da relação com a coisa, ainda assim isso lhe traz segurança para sua própria vida – *mas, neste caso, também isto é uma busca finita breve*, e a *brevidade do horizonte se torna atual em cada ponto da superficialidade da relação*. Assim, se a posse da coisa é perdida, perde-se também o domínio da *própria vida*, que não pode ser afirmada infinitamente, mas tão somente em relação a uma busca finita; esta busca finita não repousa na atualidade, mas, a depender do tempo, ela se afirma a partir dos limites dados sempre adiante<sup>3</sup>”.

Estas citações foram extraídas da obra principal de Michelstaedter,

*La persuasione e la rettorica*, que aparecem logo nas primeiras páginas da introdução, aspirando à “dignidade filosófica” e à “concretude artística”<sup>4</sup>. Pensamentos e abstrações se apresentam em uma linguagem metafórica, na tentativa de se reaproximar a filosofia da vida, sob o signo de uma sinceridade absoluta, na busca pela possibilidade do ser livre.

Em torno dos termos “persuasão” e “retórica”, Carlo Michelstaedter construiu um pensamento que, ao reapropriar-se da consciência dos próprios limites, é capaz de expressar a experiência existencial e cultural, ligando, de forma exemplar e envolvente, questões como problemática ontológica e crítica social, ética e análise da linguagem.

## **2. A VONTADE COMO PULSÃO DO SER TORNA-SE CHAVE PARA A COMPREENSÃO DO MUNDO COMO CONJUNTO DE RELAÇÕES**

Desde as primeiras páginas da obra *La persuasione e la rettorica*, em tom metafórico, já aparece a ideia de uma vontade cega, que a cada nível da natureza continuamente impulsiona cada coisa em um esforço vão de satisfação, sem se preocupar com os outros, mas apenas com sua própria continuação, aludindo, indiretamente, ao pensamento de Schopenhauer.

*“Sei que desejo algo e não o tenho. Um peso preso a um gancho está limitado por não poder se desprender dele, no sentido em que é dependente do gancho: e ele não pode se desprender do gancho porque, enquanto peso, sua função depende do gancho que lhe sustenta”*<sup>5</sup>.

Michelstaedter reinterpreta livremente a vontade noumênica schopenhaueriana, abandonando a característica principal de pretensa metafísica, ou seja, de uma construção filosófica sistemática omnicompreensiva. As poucas citações de Schopenhauer não são usadas, contudo, sem significado, também no conceito de vontade, central para ambos. Isto mostra, apenas, como os dois pensadores não chegam às mesmas conclusões. A vontade, para Michelstaedter, não é um impulso obscuro fundado em si mesmo, mas uma “deficiência”, uma falta, um modo de ser da existência finita, da vida falsamente infinita.

Esta deficiência permanente faz com que cada ser vivo morra a cada momento, e nunca exista realmente, em sua totalidade. “A *vida existiria* se o tempo não atraísse o ser constantemente para o próximo instante”. Por possuir-se a si mesma, ela ocorre no tempo e no espaço; “não vê outra coisa senão a vontade de vida” e “existe a cada ponto como vontade da coisa determinada”<sup>6</sup>. Disto deriva o infinito transmutar-se das coisas.

58

Existindo em cada ponto como ausência de qualquer determinação, a vontade é o perfil negativo daquilo a que tende. Não é, de nenhum modo, consciência, e Michelstaedter atribui à vontade a consciência do valor que sempre lhe falta. A falta do objeto desejado da consciência se determina e se transforma em uma realidade estável para a qual sempre tende: um valor. Michelstaedter afirma que: “Determinação é uma atribuição de valor: consciência”, na instabilidade tornada estável no seu correspondente.

O mundo se perde na infinita relação espaço-temporal entre aqueles que desejam algo e o objeto do seu desejo. E a própria vida é definida como “uma infinita correlação de consciências”, uma teia de relações plurais que se determinam uma à outra em um “infinito flutuar infinitesimal de variações”, no qual o sentido da própria vida varia como quando se misturam várias fragrâncias em um único perfume<sup>7</sup>.

Ainda que, em Michelstaedter, a vontade esteja, de acordo com o sentido relacional e fenomênico, esmagada por uma pluralidade da vontade determinada, resta-lhe, contudo, o caráter schopenhaueriano do conceito base para a compreensão do mundo, da natureza rumo ao homem. De fato, o entrar em relação existe potencialmente em cada vontade e em cada um dos complexos orgânicos da vontade que são os seres vivos. A vida é, a cada instante, uma luta, na qual o mais forte sempre vence o mais fraco, e um se transforma no outro. Michelstaedter afirma: “a “correlação” universal é feita a partir da negação mútua da individualidade determinada e da posse mútua”<sup>8</sup>.

Nos *Scritti vari* Michelstaedter analisa em detalhes destas mudanças e as divide em três modos:

"A forma persiste em todas as mudanças, na medida em que elas ocorrem. Cada mudança se dá no pensamento de outras mudanças potenciais: a vida é a continuação deste núcleo da potencialidade. A mudança se constitui de três modos: 1)

é um ato vital único, um ato de absorção mútua de dois corpos inorgânicos; 2) é a absorção de um corpo por um outro em um ato de uma mutação que converge para a continuação do potencial do segundo corpo, o mais forte; 3) é a dupla convergência da mudança no pensamento de ambos os corpos em prol da continuação de ambos os núcleos da potencialidade”<sup>9</sup>.

Das determinações elementares da gravidade rumo a todas as organizações sociais evoluídas, nada escapa à vontade da própria afirmação. Ela permanece, contudo, inadequada: cada momento se determina a partir do instante seguinte, deixando o presente sempre à mercê da ausência que espera preencher com a afirmação que o sucede em cada caso, que, mesmo assim, sempre parecerá inadequada.

### 3.O SER HUMANO: A VONTADE CONSCIENTE MAIS EVOLUÍDA

A vida “é uma ausência da sua vida”<sup>10</sup> também no homem, que Michelstaedter define como não transcendente à natureza.

Michelstaedter concentra suas análises sobre o próprio homem, na condição de grau superior da natureza, no sentido em que ele encerra em si todos os graus inferiores e, a partir disso, toda compreensão se faz possível. Conforme os *Scritti vari*: “... vemos no tempo um movimento do inferior ao superior, e a razão está na forma superior”, sabendo que “nenhum indivíduo se esgota em si mesmo”. “O homem é o indivíduo mais complexo, e na sua matéria enxerga-se a si mesmo”<sup>11</sup>.

Num universo de correlações, no qual “nada existe por si mesmo, o homem existe apenas como estrutura relativa a uma consciência”<sup>12</sup>, e o mundo é aquilo que aparece à consciência mais evoluída: o homem.

O homem, enquanto sujeito, entretanto, não detém nenhum primado ontológico ou funcional, com no idealismo, mas está envolvido em um processo no qual ele próprio é constituinte e constituído<sup>13</sup>.

Michelstaedter procura pensar a natureza da relação entre “sujeito” e “objeto”, opondo-se a qualquer hispotasiação metafísica do processo relacional ligado a ambos os termos da relação, procurando compreender a natureza da relação entre sujeito e objeto no âmbito de uma visão

temporal e relacional dos entes. Esta visão permite destacar a heteronomia, a contingência, a finitude da existência humana e sua representação.

Assim ele sintetiza a questão nos *Scritti vari*:

“Vida é desejo, necessidade, vontade de “ser”... Vontade é vontade de alguma coisa determinada: a soma das coisas desejadas é a realidade. A “realidade” assiste imóvel à determinação da minha vontade para cada uma das suas partes, “eu” me relaciono com a realidade inteira na condição de uma promessa presente do futuro. A realidade é, pois, o conteúdo de cada prazer que sinto: é a minha consciência, é a “ilusão” da minha individualidade”<sup>14</sup>.

O homem, como todos os outros seres, encontra no prazer ou no desprazer a “previsão organizada daquilo que lhe convém para a continuação do seu ser”, “tomando conta, - desse modo - , da própria continuação do seu ser sem se preocupar com ela, dado que o prazer da relação se encarrega do futuro por ele”<sup>15</sup>.

A individualidade, considerada em relação ao mundo e a uma ordem futura, é persuadida erroneamente sobre se a vida é suficiente a “qualquer ser vivente” e cai na “busca sem saída da individualidade ilusória, que afirma uma uma pessoa, um fim, uma razão: *a persuasão inadequada*”. Tal busca se constitui pelo permanente sustentar-se aparente dos momentos por si inconsistentes: qualquer coisa existe, qualquer coisa existe para mim, é-me possível a esperança, existo em mim como um princípio autossuficiente.

A persuasão inadequada, duplamente ilusória, faz a coisa aparecer como válida em si mesma e pensa a cada um dos seres como um indivíduo que possui a própria razão de si.

“Assim, a cada vez, na atualidade *de sua afirmação*, ele se sente superior ao momento presente e à razão que faz parte deste momento; e se agora ele faz isto ou aquilo, se agora está ele aqui ou ali, ele se sente sempre igual no tempo e tudo mais: ele diz *‘eu sou’*”.

E a coisa que o circunda, a “sua coisa”, transforma-se na “única realidade”, absoluta, indiscutível<sup>16</sup>.

#### **4.A INELUTABILIDADE DA AUSÊNCIA ONTOLÓGICA DO EXISTIR**

Para o indivíduo “seu poder na coisa” está impedido por causa da “previsão limitada” da “superficialidade da relação”<sup>17</sup>. Esta situação provisória se torna indicação de uma deficiência ontológica.

“Por baixo da superficialidade do seu prazer, ele sente o fluir daquilo que está sob seu poder e transcende sua consciência. A trama percebida (finita) da individualidade ilusória que o prazer ilumina não está, assim, tão fechada que a própria obscuridade do desconhecido (infinito) não deixe transparecer”<sup>18</sup>.

O prazer está contaminado por uma “dor absurda e contínua”; “os homens se tornam impotentes, sentem-se à mercê daquilo que está além de seus poderes, além daquilo que eles não são: temem sem saber o que temem”. E quando um pouco de ilusão aparece, os homens têm “sustos horríveis”<sup>19</sup>.

Na pessoa adulta, cada “susto” é experiência do próprio nada:

“... nada, nada, nada, não és nada, sei que não és nada, sei que tu confias e eu te lanço ao chão, conheço aquilo que prometes cada vez a ti mesmo e não será cumprido, com tu sempre prometeste e nunca cumpriste – porque não sabes nada e não podes nada”<sup>20</sup>.

O homem se acha “sem nome e sem sobrenome”; apenas nu, de olhos arregalados em vão, e na obscuridade busca angustiado um ponto de referência, uma saída, mas tudo desmorona e desaparece. A certeza da “angústia de não ter feito nada pelo poder agora reaparece no tempo certo”<sup>21</sup>; o desconhecido lhe oprime de todos os lados: o infinito, no qual se perde a cadeia de um “flutuar infinitesimal das variações”<sup>22</sup> e das correlações, se manifesta à sua frente como um abismo.

Cada um, “no terror da noite e da solidão”, conhece estes medos, está atento à “dor contínua que sente em todas as coisas”, e isto faz lembrar: “tu não sabes”, mas quando a luz resplandece, tudo aquilo desaparece, mesmo quando sofremos “a cada instante a dor da morte”, ao mesmo tempo em que continuamos chamando pela vida<sup>23</sup>.

A correlação do sujeito e com mundo, que se sustenta

reciprocamente constituindo um horizonte próprio e ilusório, é, na realidade, suspensa na hora da morte, da falta contínua de ser que faz com que se pergunte pelo sentido do viver pautado no futuro.

Os homens tomam conta do futuro contaminando o presente, o vazio do sentido, e, ao afirmarem sua individualidade ilusória, violentam tudo que lhe cerca, utilizando-se, para isso, da própria continuidade ilusória do futuro, como objetivo de um indivíduo absoluto que possui em si a plenitude da Razão.

Assim descreve Michelstaedter:

“Todos ignoram se sua vida coincide ou não com outras formas de vida, e se isso lhes contradiz: – mata o outro; todos sabem quando alguma coisa é boa por si mesma, e fazem uso delas como um meio para seus próprios fins, como matéria para a própria vida, e ainda assim eles mesmos existem como meio para a vida dos outros”<sup>24</sup>.

Tal relacionar-se “pela mútua necessidade da aparição do amor”, no qual “todos veem na disposição do outro “um espelho de si mesmo”<sup>25</sup>, ora, isto não é amor, é um disfarce da luta, do *veïkoç*.

“Para a vida comum os homens seguem em uma busca que não tem princípio nem fim; vão e vêm, competindo, realizando tarefas como formigas – talvez, também, trocando-as entre si, - certamente, pela caminhada que fazem, retornando sempre ao mesmo lugar como se não houvesse saída. O homem deve encontrar uma saída para ressurgir na vida”<sup>26</sup>.

E esta saída só pode ser encontrada através da experiência da dor e do seu reconhecimento purificador.

Tal realidade extralógica da existência interrompe traumáticamente, de fato, cada afirmação inadequada da individualidade, destrói as formas da retórica e do seu saber mascarador e ilusoriamente potente, isolando cada coisa em um silêncio improvisadamente solene, no qual o enigma universal da dor provoca um tipo de vertigem da razão frente ao abismo da incerteza.

Apresenta-se agora a possibilidade do vir a ser, ainda que um pouco confusa, mas com uma boa dose de certeza, apesar de todo esforço, com movimentos puramente conceituais que não alcançam a



realidade. Deste modo, os homens poderiam e deveriam parar de se esquivar um ao outro na ilusão de ser e saber, com palavras fingidas, que fingem compreender o mundo como absoluto para colocar um véu, tacitamente, sobre a obscuridade.

## 5. AS INDICAÇÕES DE UM ITINERÁRIO EXISTENCIAL: A HIPÉRBOLE DA JUSTIÇA NA CONSCIÊNCIA DO “DEVER”

Carlo Michelstaedter, na obra *La persuasione e la rettorica*, propõe uma mudança radical do sentido do conhecimento, da vida, da dor, da morte, do mistério, e propõe uma mudança da relação dos homens entre si e das relações dos homens com as coisas. Para aqueles que buscavam este novo sentido, conhecer não é mais dominar ou evitar a complexidade, reduzindo-a a um esquematismo tranquilizador, mas aceitá-la e colocar-se em relação com ela, através de uma atividade que promove a paz<sup>27</sup>.

Para percorrer este caminho, é necessário *coragem para o impossível*, pois o caminho é traçado e seguido em um mundo no qual não existem garantias, mas a impossibilidade de síntese, de composição entre forças opostas. Temos que transformar a necessidade em dom, possuir o ser, unindo drasticamente amor e verdade, amor e rigor racional. Temos que buscar a posse atual do presente e evitarmos a busca ansiosa do futuro, amar a vida em cada coisa e não usurpar a relação, “amar..., comunicando o valor individual, identificar-se”<sup>28</sup>.

Toda ação em si mesma se apresenta destinada a cortar o mal pela raiz, na busca permanente para acabar com o mal, do qual participa na condição de indivíduo.

Michelstaedter cita o livro do Eclesiastes: “não há homem justo sobre a terra que faça o bem sem cometer injustiça”, e acrescenta: ninguém é justo, a afirmação de qualquer pessoa é sempre violenta enquanto ação irracional.

“De algum modo, cada um pede para continuar vivendo, falando por si da necessidade de seu viver, e naquilo que afirma como *justo*, naquilo que é *justo por si*, nega o que não é justo por si, e é injusto para *todos* os outros, haja ou

não quem cometa injustiça”<sup>29</sup>.

É o “medo da morte” que faz alguém viver sem questionar-se, que torna cada ato, cada palavra pronunciada profundamente injusta e desonesta na afirmação da individualidade ilusória.

Assim escreve nosso autor:

“A justiça, a pessoa justa, o indivíduo que tem em si a razão, é uma hipérbole – dizem todos, e *voltam a viver como se já houvessem vivido* – mas hiperbólica é a via da persuasão que a ela conduz. Deste modo, como infinitamente a hipérbole se aproxima da assíntota, assim também infinitamente o homem que, vivendo, deseja que sua vida se aproxime da linha reta da justiça; e por pequena que seja a distância entre um ponto da hipérbole e a assíntota, ininfinitamente deve prolongar-se a curva para alcançar o ponto de contato. Assim, por pouco que o homem, ao viver, ache justo para si, infinitamente lhe resta o dever para com a justiça. O direito de viver não se paga com um trabalho finito, mas com uma infinita atividade. Assim, pois, deixada de lado a parte da violência de todas as coisas, toda esta violência nos põe em débito com a justiça. Como uma raiz que se enraiza na terra, assim deve ser toda a tua atividade<sup>30</sup>. Para eliminar a violência por completo, deves empreender todos os esforços necessários”.

Sobre este sentimento, “cada um é o primeiro e o último”<sup>31</sup> e deve buscar em si próprio a responsabilidade pela própria vida.

A persuasão é saber parar diante da realidade da morte, aceitando e amando a perene incompletude da vida individual, “enxergar cada momento como se fosse o último, viver assim como se fosse certa, depois, a morte: e nesta obscuridade inventar a própria vida”<sup>32</sup>.

A via para a persuasão se consegue pela coragem do impossível, tensão que nos faz observar o abismo da “falta” até o extremo de nossa força, e a reconhecer nossa incapacidade para amar a vida pelo que ela é em si mesma, afirmando-a gratuitamente, sendo honesto em reconhecer a raiz da violência mesma, que é devida, em última instância, à “vontade de continuação”. Atingimos, assim, a coincidência da existência e do significado, vivemos “no impossível, no insuportável, a alegria de um presente pleno” *com* os outros e *com* as coisas, coexistindo<sup>33</sup>.

Deste modo, podemos desmascarar “a retórica”, desconstruir o egoísmo, reconhecer no outro não uma negação, mas o diferente de mim, o idêntico a mim na coexistência da vida. Podemos chegar até a reconhecer Deus, mesmo que seja pela via negativa, pelo inalcançável, mas nunca pelo desejo do Outro, dos Outros.

Numa situação de “retórica” generalizada, a via da “persuasão” nos lembra que temos necessidade de manter viva a confiança, a tensão conscientemente assintótica para a perfeição, a ligação entre a vida e o pensamento, para testemunhar que a liberdade ainda não está perdida.

Com as palavras de Sófocles: “sei que / faço coisas impróprias e inconvenientes para mim”<sup>34</sup>. Carlo Michelstaedter<sup>35</sup> nos convida, em *La persuasione e la rettorica*, para uma viagem a um horizonte renovado.

## NOTAS

- 1 NT.: Abaixo oferecemos a versão original do artigo. As referências bibliográficas foram quase todas mantidas no original por não possuírem traduções em Português brasileiro, em boa parte dos casos. Nos casos em que foi possível, algumas expressões e citações foram traduzidas no todo ou em partes, ficando o original para confrontação do leitor.
- 2 «é chamado de segundo o prazer de cada singular»; cfr. MULLACH, Vol. I, 87; DIELS-KRANZ B, 67
- 3 C. MICHELSTAEDTER, *La persuasione e la rettorica*, a cura di S. CAMPAILLA, Milano, Adelphi, 1986 (1982 1a ed.), pp. 53-55.
- 4 *Ibidem*, p. 36.
- 5 *Ibidem*, p. 39. Cfr. A. SCHOPENHAUER, *Il mondo come volontà e rappresentazione* (ed. del 1859 di Lipsia), trad. a cura di G. RICONDA, Milano, Mursia, 1994 (1969 1a ed.), pp. 202 e 350. Em português do Brasil: *O Mundo como Vontade e como Representação*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005. Tradução: Jair Barboza.
- 6 C. MICHELSTAEDTER, *La persuasione e la rettorica*, cit., pp. 43-44.
- 7 *Ibidem*, pp. 44-45. «ἄλλοιοῦται ὅκωσπερ ὀκόταν συμμιγῆ θυώματα θυώμασιν» ERACLITO; cfr. MULLACH, Vol. I, 87; DIELS-KRANZ B, 67.
- 8 C. MICHELSTAEDTER, *Opere*, a cura di G. CHIAVACCI, Firenze, Sansoni, 1958, p. 819.
- 9 *Ibidem*, p. 820.
- 10 C. MICHELSTAEDTER, *La persuasione e la rettorica*, cit., p. 40.
- 11 C. MICHELSTAEDTER, *Opere*, cit., p. 808.
- 12 C. MICHELSTAEDTER, *La persuasione e la rettorica*, cit., p. 45.
- 13 Cfr. C. LA ROCCA, *Nichilismo e retorica. Il pensiero di Carlo Michelstaedter*, Pisa, ETS, 1984, pp. 27-28.

- 14 C. MICHELSTAEDTER, *Opere*, cit., p. 759.  
15 C. MICHELSTAEDTER, *La persuasione e la retorica*, cit., pp. 51-52.  
16 *Ibidem*, pp. 51-53.  
17 *Ibidem*, p. 78.  
18 *Ibidem*, p. 55.  
19 *Ibidem*, pp. 83 e 57.  
20 *Ibidem*, pp. 58-59.  
21 *Ibidem*.  
22 *Ibidem*, p. 44.  
23 *Ibidem*, pp. 57-62.  
24 *Ibidem*, p. 63.  
25 *Ibidem*.  
26 *Ibidem*, pp. 73-74.  
27 *Ibidem*, p. 89. «Δι' ἐνεργείας ἐς ἀργίαν»  
28 *Ibidem*, p. 83.  
29 *Ibidem*, p. 78.  
30 *Ibidem*, pp. 77-80.  
31 *Ibidem*, p. 73.  
32 *Ibidem*, pp. 69-70.  
33 *Ibidem*, p. 86.  
34 Sofocle, *Elettra*, vv. 617-618.  
35 Cfr.: *Bibliografia di e su C.M.* (in ordine alfabetico), in S. CUMPETA - A. MICHELIS (a cura di), *Eredità di Carlo Michelstaedter*, Udine, Forum Editrice Universitaria, 2002, pp. 257-279; *Rassegna bibliografica* (di e su C.M. in ordine cronologico), in C. MICHELSTAEDTER, “*Sfugge la vita*”. *Taccuini e appunti*, a cura di A. MICHELIS, Torino, Aragno, 2004, pp. 237-28; «Humanitas. Rivista bimestrale di cultura, fondata nel 1946», n. 5/2011, numero monografico dedicato a Carlo Michelstaedter (casa editrice Morcelliana di Brescia, Italia)

## RIPENSARE LA GIUSTIZIA, SEGUENDO IL MITTELEUROPEO CARLO MICHELSTAEDTER (1887-1910)

### 1. INTRODUZIONE: UN PENSIERO DEL LIMITE

**C**onfrontiamoci direttamente con la parola michelstaedteriana:

«A ognuno il suo mondo è *il* mondo: e il valore di quel mondo è il correlativo della sua *valenza*, il sapore correlativo della *sapienza*. Il mio mondo non è che il mio correlativo: il mio piacere. Onde dice il filosofo: ὁνομάζεται καθ' ἡδονὴν ἐκάστου<sup>1</sup> (Eraclito). - Ognuno *sa* quanto *vuole*, vede quanto *vive*: quanto il suo piacere ogni volta prevedendo avvicina delle cose lontane. Tanto *ne comprende* quanto *ne può prendere*. (...)

Ma la sua *potenza nelle cose* in ogni punto è *limitata* alla *limitata previsione*. Se dalla relazione con la cosa egli non trae possesso, bensì la sicurezza della propria vita - *ma anche questa è in breve cerchia finita*, e la *brevità dell'orizzonte è attuale in ogni punto nella superficialità della relazione*. Così mentre il possesso della cosa gli sfugge, gli sfugge la padronanza *della propria vita*, che non può affermarsi infinitamente, ma solo in rapporto alla cerchia finita; che non può riposare nell'attualità, ma è trascinata dal tempo ad affermarsi nei limiti dati sempre avanti»<sup>2</sup>.

Queste citazioni sono tratte dall'opera principale di Michelstaedter, *La persuasione e la retorica*, che si dichiara già nelle pagine introduttive, aspirante a «dignità filosofica» e a «concretezza artistica»<sup>3</sup>. Pensieri e astrazioni si presentano in un linguaggio metaforico, nel tentativo di riavvicinare la filosofia alla vita, sotto il segno di una sincerità assoluta, nella ricerca della possibilità d'essere liberi.

Intorno ai termini «persuasione» e «rettorica», Carlo

Michelstaedter costruisce un pensiero che riappropriandosi della consapevolezza dei propri limiti è capace di dar espressione all'esperienza esistenziale e culturale, connettendo esemplarmente problematica ontologica e critica sociale, etica e analisi del linguaggio, in una scrittura coinvolgente.

## 2. LA VOLONTÀ COME TENSIONE ALL'ESSERE DIVIENE CHIAVE PER LA COMPrensIONE DEL MONDO CHE SI COSTITUISCE IN UN INSIEME DI RELAZIONI.

Fin dalle prime pagine de *La persuasione e la rettorica*, tramite la metafora del peso, è presente l'idea di una cieca volontà, che ad ogni livello della natura continuamente sospinge ogni cosa in un vano sforzo d'appagamento, senza curarsi di altro che della propria continuazione, attinta, pur non dichiarandolo, al pensiero di Schopenhauer.

«*So che voglio e non ho cosa io voglia. Un peso pende a un gancio, e per pender soffre che non può scendere: non può uscire dal gancio, poiché quant'è peso pende e quanto pende dipende*»<sup>4</sup>.

Michelstaedter reinterpreta liberamente la volontà noumenica schopenhaueriana, sottraendogli le caratteristiche che ne fanno il principio di una metafisica, ossia di una costruzione filosofica sistematica e onnicomprensiva. Le scarse citazioni di Schopenhauer non sono dunque senza significato, in quanto anche nel concetto di volontà, centrale per entrambi, i due pensatori non coincidono. La volontà per Michelstaedter non è un oscuro impulso fondato in se stesso, ma una «deficienza», una mancanza, la maniera d'essere dell'esistenza finita, della falsamente infinita vita.

Questa permanente deficienza fa sì che ogni cosa che vive muoia ogni attimo, e mai realmente sia. «*La vita sarebbe se il tempo non le allontanasse l'essere costantemente nel prossimo istante*». Per possedere se stessa corre nel tempo e nello spazio; «non v'è cosa che non sia volontà di vita» ed «è in ogni punto volontà di cose determinate»<sup>5</sup>. Da ciò

deriva l'infinito trasmutare delle cose.

Essendo in ogni punto mancanza di qualcosa di determinato, la volontà è il profilo negativo di ciò a cui tende. N'è dunque in qualche modo coscienza e Michelstaedter attribuisce alla volontà la coscienza del valore che sempre le viene mancando. Proprio come mancanza l'oggetto voluto da quella coscienza si determina e diventa l'unica realtà stabile a cui tendere: un valore. Michelstaedter scrive «Determinazione è attribuzione di valore: coscienza», nell'instabilità diventa stabile il suo correlato.

Il mondo si polverizza in infinite relazioni spazio-temporali fra volenti e voluti. E la vita stessa è definita come «un'infinita correlatività di coscienze», un tessuto di relazioni tra pluralità che si determinano l'un l'altra in un «infinito infinitesimale fluttuare di variazioni», dove il senso della vita stessa varia come quando si mescolino profumi a profumi<sup>6</sup>.

Sebbene in Michelstaedter la volontà sia intesa in senso relazionale e fenomenico, come frantumata in una pluralità di volontà determinate, le rimane, comunque, il carattere schopenhaueriano di concetto base per la comprensione del mondo, dalla natura fino all'uomo. Infatti, l'entrare in relazione è in potenza in ogni volontà e in ognuno dei complessi organici di volontà che sono detti organismi. La vita è ad ogni livello una lotta, dove il più forte toglie al più debole il futuro e ciascuno si trasforma nell'altro. Michelstaedter scrive: «l'universale "correlazione" è fatta delle vicendevoli negazioni delle individualità determinate e del loro vicendevole possesso»<sup>7</sup>.

Negli *Scritti vari* analizza dettagliatamente queste mutazioni e le divide in tre specie:

«La forma persiste attraverso tutte le mutazioni, anzi solo in quanto le mutazioni avvengono. Ogni mutazione avviene nel pensiero delle altre mutazioni in potenza: la vita è la continuazione di questo nucleo di potenzialità. La mutazione è di tre specie: 1°, è l'atto vitale unico, il vicendevole assorbimento di due enti inorganici; 2°, è l'assorbimento di un ente da parte di un altro nell'atto di una mutazione che converge alla continuazione della potenzialità del secondo ente più forte o in condizione di maggioranza; 3°, è il doppio convergere della mutazione nel pensiero di tutti e due gli enti in pro della continuazione

di tutti e due i nuclei di potenzialità»<sup>8</sup>.

Dalle elementari determinazioni della gravità fino alle evolute organizzazioni sociali degli individui superiori, nessuna cosa è immune dalla volontà della propria affermazione. Essa rimane tuttavia sempre inadeguata: in ogni momento appare raggiungibile nel prossimo futuro, lasciando il presente sofferente per la mancanza che spera colmare con la successiva affermazione, che tuttavia sarà a sua volta avvertita inadeguata.

### 3. L'ESSERE UMANO: LA VOLONTÀ COSCIENTE PIÙ EVOLUTA.

Anche nell'uomo, che Michelstaedter non pensa trascendente la natura, la vita «è questa mancanza della sua vita»<sup>9</sup>.

E proprio sull'uomo Michelstaedter centra la propria analisi, in quanto come grado superiore della natura, egli racchiude in sé tutti i gradi inferiori e ne permette la comprensione. Leggiamo negli *Scritti vari*: «...se v'è nel tempo uno svolgimento dall'inferiore al superiore la ragione sta nella forma superiore», anche se «a se stesso non è ragione nessun individuo». «L'uomo è il nucleo individuale più vasto, in lui la materia...vede se stessa»<sup>10</sup>.

In un universo di correlazioni, dove «nessuna cosa è per sé, ma in riguardo a una coscienza»<sup>11</sup>, il mondo è ciò che appare alla coscienza più evoluta: l'uomo.

Il soggetto uomo tuttavia non detiene un primato ontologico o funzionale, come accade nell'idealismo, ma sorge da un processo nel quale è costituente e costituito<sup>12</sup>.

Michelstaedter cerca di pensare la natura del rapporto tra «soggetto» e «oggetto», opponendosi a qualunque ipostatizzazione metafisica di uno o di entrambi i termini del rapporto, cercando piuttosto di comprenderli nell'ambito di una visione temporale e relazionale dell'ente. E proprio tale visione consente di mettere l'accento sull'eteronomia, sulla contingenza, sulla finitezza dell'esistenza umana e delle sue rappresentazioni.



Negli *Scritti vari* così sintetizza:

«Vita è desiderio, bisogno, volontà di “essere”... Volontà è volontà di cose determinate: la somma delle cose volute è la realtà. La “realtà” aspetta immobile la determinazione della mia volontà verso ognuna delle sue parti, “io” godo la realtà intera come promessa presente del futuro. La realtà è dunque il contenuto d’ogni mio piacere: è la mia coscienza, è l’ “illusione” della mia individualità»<sup>13</sup>.

L’uomo, come gli altri organismi, trova nel piacere o dispiacere «organizzata la previsione di ciò che gli conviene alla continuazione dell’organismo», così «cura la propria continuazione senza preoccuparsene, perché il piacere preoccupa il futuro per lui»<sup>14</sup>.

L’individualità, nel suo farsi in relazione al mondo e in rapporto a un fine futuro, si persuade erroneamente che sia vita a sé sufficiente «la qualunque vita che vive» e cade nel «cerchio senza uscita dell’individualità illusoria, che afferma una persona, un fine, una ragione: *la persuasione inadeguata*». Tale cerchio si costituisce dal continuo sorreggersi apparente di momenti per sé inconsistenti: qualcosa è, qualcosa è per me, mi è possibile la speranza, sono principio sufficiente.

La persuasione inadeguata, doppiamente illusoria, fa apparire le cose come valide in sé e pensare ad ognuno di essere un individuo che possiede la propria ragione in sé.

«Così che volta per volta nell’*attualità della sua affermazione* egli si sente superiore all’attimo presente e alla relazione che a quell’attimo appartiene; e se egli ora fa questo e poi farà quello, ora è qui, poi andrà là; egli si sente sempre uguale in tempi e cose diverse: egli dice “*io sono*”».

E le cose che lo circondano, le «sue cose», diventano «l’unica realtà», assoluta, indiscutibile<sup>15</sup>.

#### 4. L’INELUTTABILITÀ DELLA MANCANZA ONTOLOGICA DELL’ESISTERE

All’individuo «la sua potenza nelle cose» è impedita dalla

«limitata previsione» e dalla «superficialità della relazione»<sup>16</sup>. Questa provvisorietà diventa il segnale di una mancanza ontologica.

«Al disotto della superficialità del suo piacere egli sente il fluire di ciò che è fuori della sua potenza e che trascende la sua coscienza. La trama nota (finita) dell'individualità illusoria che il piacere illumina, non è fitta così che l'oscurità dell'ignoto (infinito) non trasparisca»<sup>17</sup>.

72

Il piacere è contaminato da un «sordo e continuo dolore»; «gli uomini fatti impotenti, si sentono in balia di ciò che è fuori della loro potenza, di ciò che non sanno: temono senza sapere di che temono». Quando un lembo dell'illusione si solleva, gli uomini vivono «spaventevoli soste»<sup>18</sup>.

Nell'adulto ogni «sosta» è esperienza del proprio nulla:

«...niente, niente, niente, non sei niente, so che non sei niente, so che qui t'affidi e io ti distruggerò sotto il piede il terreno, so quello che riprometti a te stesso e non ti sarà mantenuto, come tu hai sempre promesso e mai tenuto - perché non sei niente e non puoi niente»<sup>19</sup>.

L'uomo si ritrova «senza nome e senza cognome»; solo nudo, con gli occhi sbarrati invano nell'oscurità cerca angosciato un punto di riferimento, una salvezza, ma tutto si sgretola e s'allontana. Lo assale «l'angoscia di non aver fatto per poter ora fare in giusto tempo»<sup>20</sup>; lo stringe da ogni parte l'inconoscibile: l'infinito, in cui si perde la catena dell'«infinitesimale fluttuare di variazioni»<sup>21</sup> e di correlazioni, gli si apre davanti come un abisso.

Ognuno «nei terrori della notte e della solitudine» conosce questi spaventi, avverte il «continuo misurato dolore che stilla sotto a tutte le cose», e ci ricorda: «tu non sei», ma alla luce del giorno tutti si fingono sufficienti e soddisfatti di sé, anche se soffrono «ogni attimo il dolore della morte» mentre pur sempre chiedono la vita<sup>22</sup>.

La correlatività di soggetto e mondo, che si sostengono reciprocamente a formare orizzonti conchiusi e illusoriamente sufficienti, è in realtà sospesa sul baratro della morte, della continua mancanza d'essere che fa sì che si ricerchi il senso del vivere oltre di sé nel futuro.

Gli uomini per la cura del futuro contaminano il presente, lo

svuotano di senso, e nell'affermare la loro individualità illusoria violentano ciò che li circonda, utilizzandolo al fine della propria illusoria continuazione nel futuro, come al fine di un individuo assoluto che avesse in sé la pienezza della Ragione.

Scrive Michelstaedter:

«Ognuno ignora se la sua affermazione coincida con l'affermazione dell'altro o non invece gli tolga il futuro: - lo uccida: ognuno sa solo che questo è buono per lui stesso, e usa dell'altro come di mezzo al proprio fine, come di materia alla propria vita, mentre egli stesso in ciò è mezzo materiale alla vita dell'altro».<sup>23</sup>

Tale relazionarsi «per il vicendevolesse bisogno prende l'apparenza dell'amore», dove «ognuno vede nella disposizione dell'altro "come in uno specchio se stesso"»<sup>24</sup>, ma questo non è amore è un travestimento della lotta, del *veĩkoç*.

«Per le vie consuete gli uomini vanno in un cerchio che non ha principio e non ha fine; vanno, vengono, gareggiano, s'accalcano affaccendati come le formiche - forse anche si scambiano l'uno con l'altro, - certo, per camminare che facciano, sono sempre là dov'erano, ché un posto vale l'altro nella valle senza uscita. L'uomo deve farsi una via per riuscire alla vita»<sup>25</sup>.

E questa via passa attraverso l'esperienza del dolore e il suo riconoscimento purificatore.

Tale realtà extralogica dell'esistenza interrompe, infatti, traumaticamente ogni inadeguata affermazione d'individualità, squarcia l'organizzazione della retorica e il suo sapere mascheratore e illusoriamente potente, sospendendo ogni cosa in un silenzio improvvisamente solenne, in cui l'enigmaticità universale del dolore provoca una sorta di vertigine della ragione di fronte all'abisso dell'infondatezza.

Si presenta allora la possibilità di avvertire, anche soltanto oscuramente ma con intima certezza, che, nonostante ogni sforzo, con movimenti puramente concettuali non si raggiunge la realtà. Dunque gli uomini potrebbero e dovrebbero smettere di stordirsi l'un l'altro nell'illusione di essere e di sapere, con parole che fingono la

comunicazione, che fingono di contenere il mondo assoluto per riporre un velo tacitamente convenuto all'oscurità.

## 5. INDICAZIONI DI PERCORSO: L'IPERBOLE DELLA GIUSTIZIA NELLA COSCIENZA DELLA "SOGLIA", DELL'INTANGIBILITÀ REALE CON L'ASINTOTO.

74

Carlo Michelstaedter ne *La persuasione e la retorica* propone un mutamento radicale del senso della conoscenza, della vita, del dolore, della morte, del mistero, a cui consegue un mutamento dei rapporti tra gli uomini e dei rapporti tra gli uomini e le cose. Per chi abbia colto questo nuovo senso, conoscere non è più dominare la complessità, difendersi da essa riducendola in schemi rassicuranti, ma accettarla e porsi in rapporto con essa, attraverso l'attività verso la pace<sup>26</sup>.

Per percorrere questa via occorre *il coraggio dell'impossibile*, poiché essa va tracciata e seguita in un mondo in cui è caduta ogni garanzia, nell'impossibilità della sintesi, della composizione tra forze contrapposte e necessarie. Occorre trasformare il bisogno in dono, l'aver in essere, tenendo uniti al limite amore e verità, amore e rigore razionale. Occorre ricercare il possesso attuale del presente e liberarsi dall'ansiosa corsa verso il futuro, amare in ogni cosa la vita e non usare della relazione, «amare..., comunicando il valore individuale, identificarsi»<sup>27</sup>.

Tutta la propria attività viene impegnata così nell'estirpare la violenza stessa alle radici, nella ricerca continua di pagare alla giustizia il debito per la violenza, cui si partecipa in quanto individuo vivente.

Michelstaedter cita l'Ecclesiaste: "non v'è uomo giusto sulla terra che faccia il bene e non commetta ingiuria" e argomenta: nessuno è giusto, l'affermazione della sua qualunque persona è sempre, come irrazionale, violenta.

«In qualunque modo uno chieda di continuare, parlano in lui le date necessità del suo vivere, ed egli in ciò che afferma come *giusto* quello che è *giusto per lui*, nega ciò che è giusto per gli altri, ed è ingiusto verso *tutti* gli altri, avvenga o non avvenga ch'ei commetta ingiuria»<sup>28</sup>.

È la «paura della morte» che li fa vivere senza persuasione, che rende ogni atto, ogni parola in fondo ingiusti e disonesti, in quanto affermazioni d'individualità illusorie.

Scrive il nostro Autore:

«La giustizia, la persona giusta, l'individuo che ha in sé la ragione, è un'iperbole - dicono tutti e tornano a vivere come se già l'avessero - ma iperbolica è la via della persuasione che a quella conduce. Poiché come infinitamente l'iperbole s'avvicina all'asintoto, così infinitamente l'uomo che vivendo voglia la sua vita s'avvicina alla linea retta della giustizia; e come per piccola che sia la distanza d'un punto dell'iperbole dall'asintoto, infinitamente deve prolungarsi la curva per giungere al contatto, così per poco che l'uomo vivendo chieda come giusto per sé, infinitamente gli resta il dovere verso la giustizia. Il diritto di vivere non si paga con un lavoro finito ma con un'infinita attività. Poiché prendi parte alla violenza di tutte le cose, è nel tuo debito verso la giustizia tutta questa violenza. A toglier questa dalle radici deve andare tutta la tua attività»<sup>29</sup>.

Su questo sentiero «ognuno è il primo e l'ultimo»<sup>30</sup> e deve prender su di sé la responsabilità della propria vita.

La persuasione è saper sostare vegliando sulla realtà della morte, accettando e amando la perenne incompiutezza della vita individuale, «vedere ogni presente come l'ultimo, vivere così come se fosse, dopo, certa la morte: e nell'oscurità crearsi da sé la vita»<sup>31</sup>.

La via alla persuasione si intraprende se si ha il coraggio dell'impossibile, tensione che ci conduce a guardare l'abisso della «mancanza» fino all'estremo delle nostre forze e a riconoscere la nostra insufficienza, per amare la vita per ciò che essa è, affermandoci senza chiedere né usare della relazione, con l'onestà di riconoscere e negare alle radici la propria stessa violenza, che è dovuta in ultima analisi alla «volontà di continuazione». Si raggiunge così la coincidenza d'esistenza e significato e si vive «nell'impossibile, nell'insopportabile la gioia di un presente più pieno» *con* gli altri e *con* le cose, *consistendo*<sup>32</sup>.

In tal modo possiamo smascherare «la retorica», decostruire l'egoismo, riconoscendo nell'altro non l'opposto, ma il distinto da me, a me identico nella condivisione della vita. Possiamo giungere fino a

riconoscere Dio, sia pur solo per via negativa, per indomabile e mai lenito desiderio d'Altro, d'Altri.

In situazioni di “rettorica” generalizzata, la via della “persuasione” ci rammenta che abbiamo bisogno di mantenere viva la fiducia, la tensione coscientemente asintotica alla perfezione, il legame tra vita e pensiero, per testimoniare che la libertà non è ancora scomparsa.

Con le parole di Sofocle: «so che / faccio cose inopportune e a me non convenienti»<sup>33</sup> Carlo Michelstaedter<sup>34</sup> ci accoglie ne *La persuasione e la rettorica* per iniziare un viaggio verso rinnovati orizzonti.

## NOTE

- 1 «è detto secondo il piacere di ogni singolo »; cfr. MULLACH, Vol. I, 87; DIELS-KRANZB, 67
- 2 C. MICHELSTAEDTER, *La persuasione e la rettorica*, a cura di S. CAMPAILLA, Milano, Adelphi, 1986 (1982 1a ed.), pp. 53-55.
- 3 *Ibidem*, p. 36.
- 4 *Ibidem*, p. 39. Cfr. A. SCHOPENHAUER, *Il mondo come volontà e rappresentazione* (ed. del 1859 di Lipsia), trad. a cura di G. RICONDA, Milano, Mursia, 1994 (1969 1a ed.), pp. 202 e 350.
- 5 C. MICHELSTAEDTER, *La persuasione e la rettorica*, cit., pp. 43-44.
- 6 *Ibidem*, pp. 44-45. «ἀλλοιοῦται ὄκωσπερ ὀκόταν συμμιγῆ θυώματα θυώμασιν» ERACLITO; cfr. MULLACH, Vol. I, 87; DIELS-KRANZ B, 67.
- 7 C. MICHELSTAEDTER, *Opere*, a cura di G. CHIAVACCI, Firenze, Sansoni, 1958, p. 819.
- 8 *Ibidem*, p. 820.
- 9 C. MICHELSTAEDTER, *La persuasione e la rettorica*, cit., p. 40.
- 10 C. MICHELSTAEDTER, *Opere*, cit., p. 808.
- 11 C. MICHELSTAEDTER, *La persuasione e la rettorica*, cit., p. 45.
- 12 Cfr. C. LA ROCCA, *Nichilismo e retorica. Il pensiero di Carlo Michelstaedter*, Pisa, ETS, 1984, pp. 27-28.
- 12 C. MICHELSTAEDTER, *Opere*, cit., p. 759.
- 13 C. MICHELSTAEDTER, *Opere*, cit., p. 759.
- 14 C. MICHELSTAEDTER, *La persuasione e la rettorica*, cit., pp. 51-52.
- 15 *Ibidem*, pp. 51-53.
- 16 *Ibidem*, p. 78.
- 17 *Ibidem*, p. 55.
- 18 *Ibidem*, pp. 83 e 57.
- 19 *Ibidem*, pp. 58-59.
- 20 *Ibidem*.
- 21 *Ibidem*, p. 44.
- 22 *Ibidem*, pp. 57-62.

- 23 *Ibidem*, p. 63.  
24 *Ibidem*.  
25 *Ibidem*, pp. 73-74.  
26 *Ibidem*, p. 89. « Δι' ἐνεργείας ἐς ἀργίαν »  
27 *Ibidem*, p. 83.  
28 *Ibidem*, p. 78.  
29 *Ibidem*, pp. 77-80.  
30 *Ibidem*, p. 73.  
31 *Ibidem*, pp. 69-70.  
32 *Ibidem*, p. 86.  
33 Sofocle, *Elettra*, vv. 617-618.  
34 Cfr.: *Bibliografia* di e su C.M. (in ordine alfabetico) , in S. CUMPETA - A. MICHELIS (a cura di) , *Eredità di Carlo Michelstaedter*, Udine, Forum Editrice Universitaria, 2002, pp. 257-279; *Rassegna bibliografica* (di e su C.M. in ordine cronologico), in C. MICHELSTAEDTER, “*Sfugge la vita*”. *Taccuini e appunti*, a cura di A. MICHELIS, Torino, Aragno, 2004, pp. 237-28; «Humanitas. Rivista bimestrale di cultura, fondata nel 1946», n. 5/2011, numero monografico dedicato a Carlo Michelstaedter (casa editrice Morcelliana di Brescia, Italia)